

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 40 - Dezembro de 2017



Presidente: Antônio Vianna

Mobilização salva o ano



Sim, foi difícil. O ano de 2017 exigiu muita resistência dos empregados da Caixa. A gestão do banco endureceu e a política colocada em prática foi de cortes. O banco público também esteve sob ameaça real. Mas, graças ao poder de unidade dos empregados, a direção recuou. Para 2018 fica a grande lição: vale a pena acreditar. Páginas 2 e 3



Mensagem do Presidente

Com esta edição de número 40 do jornal **Nossa AGECEF**, encerramos mais um ano de comunicação direta com o nosso associado, levando informações sobre as mais diversas áreas de interesse e sempre mantendo o olhar firme nos acontecimentos que dizem respeito ao nosso universo de trabalho e na própria empresa. Não foi um ano fácil para o Brasil e, óbvio, para a Caixa e seus empregados. Isso já era presumido. Passamos os 365 dias lutando para fortalecer a Caixa 100% pública, atuando em várias frentes e nos mobilizando de muitas maneiras. Por enquanto, vamos contabilizando uma vitória provisória nessa tentativa de privatizar a Caixa, mas não conseguimos barrar o fechamento de muitas unidades. Ao mesmo tempo, sabemos que a resistência e mobilização são fundamentais para continuar esse enfrentamento. A luta pela manutenção dos direitos e conquistas históricas foi também a nossa bandeira diária. Dissemos não à revogação do RH 184 e do RH 151 que aniquilam o direito à incorporação de funções gratificadas; à reestruturação sem critério, sem transparência e sem respeito à dignidade dos trabalhadores; às constantes ameaças de retrocesso nas políticas de avaliação de desempenho e suas nefastas consequências na vida e no bolso dos empregados, dentre outras batalhas. Enfim, a **AGECEF-BA**, em sintonia com outras entidades representativas, esteve presente na luta cotidiana em defesa de uma Caixa forte e imprescindível para o país e por melhores condições de trabalho para todos. É importante, portanto, reconhecer como decisiva e agradecer a parceria com a FENAG, Sindicato dos Bancários da Bahia, Federação de Bancários, ANBERR, AEA, FENAE, Frentes Parlamentares, dentre tantas outras entidades.

Aproveito o momento para registrar os sinceros agradecimentos aos colegas que formaram comigo a Diretoria Executiva, Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal neste biênio que se encerra. A luta certamente seria muito mais difícil se travada sem esse espírito de equipe e participação coletiva. Continuarei fazendo parte da gestão que virá, como membro da diretoria colegiada, justamente por acreditar que a nossa tarefa é necessária, embora árdua e desigual.

Finalizo desejando a todos um ano de 2018 de muita luta, muita mobilização e, conseqüentemente, muitas vitórias. Desejo especialmente que a nova diretoria, eleita com expressiva votação de cerca de 60% dos associados, liderada pelo nosso presidente Antônio Messias, tenha muito sucesso nos próximos dois anos, com conquistas que promovam o bem-estar e restaure a velha dignidade e orgulho dos empregados da Caixa 100% do povo brasileiro.

Antônio Vianna - presidente da AGECEF-BA

O ano de 2017 foi difícil

O ano de 2017 foi difícil para a Caixa e exigiu muita mobilização das associações representativas e dos empregados. Os boatos sobre a privatização do principal banco público do país começaram a circular desde janeiro, com o anúncio da reestruturação. De lá para cá, foram muitas manifestações por todo o país, inclusive em Salvador.

A AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Bahia) esteve presente, ciente do importante papel na defesa da Caixa e dos empregados do banco. Não foi fácil. A reestruturação cortou

o quadro de pessoal - que caiu para cerca de 87 mil. Também fechou agência, extinguiu setores e retirou funções dos empregados.

A direção da empresa ainda mudou ou anulou normativos internos, sem negociação com a Comissão Executiva dos Empregados (CEE). A verticalização, por exemplo, alterou o plano de funções. Já a revogação do RH 151 acaba com a incorporação de função aos empregados com 10 anos ou mais em cargo de comissão.



Defesa da Caixa é de toda sociedade

A AGECEF-BA entende que a defesa da Caixa deve ultrapassar as agências bancárias. Deve ser de toda a sociedade brasileira. O banco 100% público é a locomotiva do desenvolvimento. Essencial na implementação de políticas públicas capazes de retomar o crescimento econômico do país e reduzir as desigualdades sociais seculares.

Para entender bem o papel da Caixa é importante analisar os números. Com mais de 80 milhões de clientes, obanco ocupa o terceiro lugar no ranking do Banco Central com

R\$ 1,256 trilhão em ativos. A Caixa também é operadora exclusiva do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), com saldo de R\$ 487,3 bilhões, de acordo com dados de junho de 2017.

É líder no segmento imobiliário, com carteira em torno dos R\$ 421,44 bilhões. As operações de saneamento e infraestrutura chegaram a R\$ 79,9 bilhões no primeiro semestre deste ano. Entre janeiro e junho, foram pagos cerca de 78,5 milhões de benefícios sociais, em um total de R\$ 14,2 bilhões.

il. Mas com vitória. Em 2018 tem mais

Neste caso, a anulação não se estende aos associados à AGECEF-BA, que, por meio da FENAG, ingressou com ação civil coletiva, de natureza declaratória. A Justiça atendeu ao pedido e concedeu liminar determinando que a Caixa se abstivesse de revogar a cláusula que garante o adicional

de incorporação, até o julgamento definitivo da ação.

Mas, as ameaças à instituição financeira foram muitas. Como a tentativa de transformar o banco em Sociedade Anônima. Gra-

ças a mobilização, os empregados afastaram o risco e garantiram que a Caixa siga 100% pública. Uma vitória importante. Que dá fôlego para o ano que chega e mostra que vale a pena acreditar e lutar.

AGECEF-BA presente nos encontros nacionais

Ao longo do ano, a AGECEF-BA participou de todos os debates regionais e nacionais para debater as principais demandas dos gestores da Caixa e definir estratégias de ações. O **Nossa AGECEF** acompanhou tudo para deixar os associados por dentro. Foi em um desses encontros que a AGECEF-BA sugeriu que a FENAG ingressasse com uma ação para evitar que a Caixa utilizasse a reforma trabalhista para revogar o RH 151 - que garante a incorporação de função aos empregados com 10 anos ou mais em cargo de comissão.



Presidente da AGECEF-BA, Antônio Vianna, o diretor Antonio Messias com o presidente da FENAG, Almir José de Souza (em memória), durante cerimônia de posse da entidade

Importantes discussões

A AGECEF-BA está sempre atenta às necessidades dos gestores. Por isso, ao longo do ano, a associação realizou muitos encontros para ouvir os anseios e planejar ações em defesa dos interesses dos associados. A Caixa sempre esteve presente nos debates. Mas, o cenário político e econômico do país também foi discutido, afinal as ações do governo atingem diretamente o empregado do banco, como a reforma trabalhista e a terceirização irrestrita, ambas aprovadas em 2017. Os desafios continuam em 2018 e, para for-

tales os debates é importante também que os associados incentivem os demais gestores a fazerem parte do time da AGECEF-BA. Juntos, é possível sempre avançar e garantir conquistas.



Saúde Caixa no foco dos debates de 2017

Os empregados da Caixa tiveram de atuar em todas as frentes em 2017. Além das mobilizações contra a reestruturação e uma possível privatização, o plano de saúde também foi alvo de ataques da atual gestão.

A direção da empresa quer mudar o modelo de custeio do Saúde Caixa, estabelecendo um teto de 6,5% da folha de pagamento anual como limitador para despesas com o convênio médico.

A regra atual, garantida no acordo aditivo e que tem vigência até 31 de agosto de 2018, prevê que os procedimentos assistenciais sejam arcados em 70% pelo banco e 30% pelos empregados. A proposta assegura o atual modelo até janeiro de 2019, sem aumento. Mas, para os empregados, o teto proposto pode representar aumento grande de custo.

Tem mais. O ano vai terminar sem os bancários terem conhecimento do relatório atuarial anual de 2017. A alegação da Caixa é de que ainda está contratando a consultoria para realizar a avaliação. A promessa é de que os números serão conhecidos no próximo encontro. Só em março de 2018.

Turbulência na FUNCEF

Na FUNCEF, o ano de 2017 também foi turbulento, de notícias ruins e mistérios. Falta transparência nas ações da direção da Fundação, o que incomoda e preocupa os participantes. E não é para menos. São muitos os problemas de gestão que precisam ser corrigidos. Mas, para tudo, há uma solução. Os empregados da Caixa acreditam nas potencialidades do fundo de pensão e sabem que a FUNCEF é a melhor opção para o futuro do pessoal do banco. Para isso, muita coisa precisa mudar, como a morosidade na cobrança do contencioso.

FUNCEF e Caixa sabem que o assunto é grave, mas fazem corpo mole. Enquanto isso, o provisionamento para ações de perda provável segue crescendo e, em junho, atingiu R\$ 2,5 bilhões. Crescimento de 47% ante o valor registrado em outubro de 2015. As ações de perda possível fecharam o primeiro semestre em R\$ 15,3 bilhões, alta de 118,5%. Situação ainda pior.

FUNCEF e Caixa sabem que o assunto é grave, mas fazem corpo mole. Enquanto isso, o provisionamento para ações de perda provável segue crescendo e, em junho, atingiu R\$ 2,5 bilhões. Crescimento de 47% ante o valor registrado em outubro de 2015. As ações de perda possível fecharam o primeiro semestre em R\$ 15,3 bilhões, alta de 118,5%. Situação ainda pior.



Falta transparência ainda na condução do resgate para quem aderiu aos dois PDVE's (Plano de Demissão Voluntário Extraordinário) e na cobrança do equacionamento sobre o 13º salário, que pegou os participantes do REG/Replan Saldado de surpresa. Sem qualquer aviso prévio, a Fundação descontou integralmente as contribuições extraordinárias na segunda parcela do 13º.

Não é só isso. Sem explicação, contratou a consultoria Accenture Strategy, envolvida em fraude contábil nos Estados Unidos, para elaborar um diagnóstico e um plano de ação para fazer a reestruturação organizacional. Detalhe: nem mesmo o valor foi informado aos participantes. Para completar a série de desrespeitos, ainda demorou na divulgação do balanço anual de 2016, que só saiu em agosto. A demora causou transtornos aos participantes, desde a desatualização de cotas até o atraso nos resgates para quem aderiu ao PDVE. A lista é grande, como encarecimento no modelo de operações com participantes e o engajamento da ação de regresso.

A situação da FUNCEF continua a causar preocupação dos participantes, que em 2017 foram novamente penalizados com mais um equacionamento. Déficit é resultado da má gestão da Fundação



Um ano de mudanças

O ano foi marcado por muitas mudanças no país. Com a política de austeridade do governo de Michel Temer, o brasileiro está tendo de rebolar. O preço dos produtos não param de subir, como a gasolina que reajuste de 10,93% neste ano. O pior é que o aumento salarial não acompanha, elevando consideravelmente o custo de vida do cidadão.

Para dificultar ainda mais, no início do ano, o Congresso Nacional aprovou, na calada da noite, a terceirização irrestrita, que amplia a contratação de prestador de serviços na atividade fim da empresa. Poucos meses depois, foi a vez da reforma trabalhista que altera mais de 100 pontos da CLT. As mudanças atingem, inclusive, os bancários. A Caixa, por exemplo, revogou o RH 151 um dia antes de a nova legislação entrar em vigor, com a justificativa de se adequar à lei.

Ao mesmo tempo, as empresas públicas foram sendo desmontadas. Algumas já tiveram a privatização anunciada, como a Eletrobras. Outras ainda sofrem ameaças, a exemplo dos bancos públicos.

